



horizontes da comunicação

*experiências, entrevistas e
transcrições na pandemia*

Laura Ferreira Guerra
Ana Javes Luz
Nísia Martins do Rosário
Paula Viegas
(Organizadoras)



IMAGINALIS
EDITORA

Laura Ferreira Guerra
Ana Javes Luz
Nísia Martins do Rosário
Paula Viegas
(Organizadoras)

Horizontes da comunicação: experiências, entrevistas e transcrições na pandemia

1ª edição
Porto Alegre

EDITORA  **IMAGINALIS**

UFRGS
2021

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Editora Imaginalis. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Editora Imaginalis.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Ana Maria Lisboa de Mello

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Artur Simões Rozestraten

Universidade de São Paulo, Brasil

Blanca Solares

Universidad Nacional Autónoma de México, México

Corin Braga

Universitatea Babeş-Bolyai, Romênia

Cremilda Medina

Universidade de São Paulo, Brasil

Ionel Buse

Universitatea din Craiova, Romênia

Jean-Jacques Wunenburger

Université de Lyon III, França

Malena Contrera

Universidade Paulista, Brasil

Maria Cecília Sanchez Teixeira

Universidade de São Paulo, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial Científico da Editora Imaginalis bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial: Ana Taís Martins

Projeto gráfico: Francisco dos Santos

Diagramação: Laura Ferreira Guerra

Revisão: Autores(as)

Organização: Laura Ferreira Guerra, Ana Javes Luz, Nísia Martins do Rosário e Paula Viegas.

Esta publicação foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

**CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECOMIA E COMUNICAÇÃO
BIBLIOTECA**

H8119 Horizontes da comunicação : experiências, entrevistas e transcrições na pandemia. / Laura Ferreira Guerra, Ana Javes Luz, Nísia Martins do Rosário, Paula Viegas (Organizadoras). — Porto Alegre : Imaginalis, UFRGS, 2021.
p.

ISBN 978-65-5973-084-1 (pdf)

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Fake news. 4. Isolamento social. 5. Pandemia Covid 19 I. Guerra, Laura Ferreira. II. Luz, Ana Javes. III. Rosário, Nísia Martins do. IV. Viegas, Paula.

CDU: 316.77

maio, 2020

Isolamento social, discursos e sentidos circulantes da/na pandemia¹

Rudimar Baldissera
PPGCOM-UFRGS

Primeiro, agradeço à diretoria da Abrapcorp [Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas] pelo convite, e à Socicom [Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação] que, conjuntamente, realizam este evento no âmbito da mobilização nacional “Marcha pela Ciência”, promovida pela SBPC [Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência]. Também precisamos ressaltar a importância desta mobilização pela ciência em um

¹ Texto adaptado da participação no evento on-line **Comunicação organizacional no contexto da pandemia de Covid-19**, organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (Abrapcorp), no dia 7 de maio de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/quzeMYsVJKY>.

momento difícil, de grande instabilidade política, em que a ciência (instituições de pesquisa, processos e resultados) e as Universidades Públicas são permanentemente atacadas sob intenções de desqualificação e deslegitimação; e, mais, em uma conjuntura em que a grande área das Ciências Humanas e Sociais tem perdido muito espaço, reconhecimento e investimentos (nesse sentido, o mais recente anúncio é o do corte das bolsas de iniciação científica para as Humanidades). Para mim, trata-se de explícita tentativa de tornar a nossa área invisível, fazendo circular sentidos de que é uma área menor, sem valor e desnecessária.

Dito isso, e em perspectiva do tema deste painel, cabe ressaltar que considero que esta seja uma importante oportunidade para refletirmos sobre comunicação e organizações neste contexto de pandemia; contexto de muito sofrimento, perdas, e que exige atentarmos melhor para a circulação de sentidos sob o prisma da comunicação organizacional. Assim, minha proposta é a de discorrer, mesmo que brevemente, sobre isolamento social, discursos e sentidos circulantes da/na pandemia.

Destaco dois tópicos, em especial, para falar em termos dos discursos e sentidos circulantes. Tratam-se, a meu ver, de duas importantes concepções de mundo que estão na base dessas formações discursivas e dos sentidos em circulação. A primeira está sustentada na concepção de que a economia é um sistema fechado. Sob essa perspectiva, dentre outras coisas, assume-se que produção gera consumo que gera mais

produção, mais desenvolvimento e riqueza e, com isso, bem-estar. É fundamental que nos perguntemos: Bem-estar para quem? E basta um rápido olhar sobre o atual contexto de desigualdades, de exclusões, de muitas formas de violência para obtermos as respostas.

Essa concepção tem por pressuposto o individualismo exacerbado em detrimento da interdependência sistêmica. Assim, o sistema econômico não teria limitações, pois que teria potência para autorregenerar-se. Essa é uma compreensão bastante restrita, excludente e que gera pobreza, injustiças e muitos excluídos. É preciso atentarmos para os múltiplos perigos dessa perspectiva. Dentre outras, as problematizações em relação ao trabalho *uberizado*, as questões relativas à noção de “gestor de si” e ao excesso de positivo (HAN, 2014; 2017), são suficientes para evidenciar que se trata de um sofisticado processo de transferência de toda a responsabilidade e de todos os custos para o próprio indivíduo. Entretanto, para evitar resistências, gerar identificações e melhor cooptar esses sujeitos, essas concepções são discursivamente instituídas como potência para que os trabalhadores definam seus horários de trabalho, ampliem sua liberdade de pensar e agir, protagonizem as tomadas de decisões e estabeleçam suas prioridades. Mas, o que esses discursos omitem? Omitem o fato de que nessas condições os trabalhadores são permanentemente vigiados, avaliados e, mesmo, punidos pelas mesmas organizações que lhes prometem liberdade para “fazerem do seu jeito”, para “serem donos de si”; omitem que, de modo geral, o número de

horas trabalhadas por dia sofre significativos aumentos; omitem que os níveis de estresse são potencializados (toda responsabilidade está sobre o próprio indivíduo); enfim, omitem que todo o ônus passa a ser do próprio trabalhador. Quer dizer, ele passa a ser responsável pelo seu desenvolvimento, por produzir, por manter as organizações lucrativas e por tudo o que for necessário nesses processos. Então, além de cuidar de si, precisa cuidar das organizações; ter “atitude de dono”.

Em direção distinta, a outra perspectiva discursiva que destaco em termos de circulação de sentidos no atual contexto de pandemia de covid-19 é a que vem da sustentabilidade, no seu sentido primeiro, de interdependência de sistemas, de comprometimento ecossistêmico. Sob essa concepção de mundo, uma das primeiras questões que precisamos admitir é o fato de que o sistema econômico é um sistema aberto. Conforme destaca Andrei Chechin (2010), com base nas proposições de Nicholas Georgescu-Roegen (economista romeno, considerado o fundador do conceito de bioeconomia – ou economia ecológica –, que desenvolve a noção de “decrecimento econômico”), a “natureza é o limite da economia”. De acordo com os autores, os níveis de crescimento econômico são irresponsáveis e produzirão um ônus muito alto para as gerações futuras, que precisarão lidar com escassez e, mesmo, com esgotamento de recursos naturais. Diante disso, Georgescu-Roegen propôs a não ampliação do crescimento econômico e, mesmo, a retração do consumo e da produção (vale

observar que essa proposição é do final da década de 1960, início da década de 1970). Quer dizer, é fundamental que tenhamos parcimônia na produção e no consumo, pois que, dentre outras coisas, os recursos naturais se esgotam. E aqui fica evidente que os diferentes sistemas são interdependentes. Qualquer movimentação sobre um sistema também incide sobre outros sistemas.

Na perspectiva do que Lipovetsky (2004) afirmou, se por um lado vivemos uma sociedade individualista, com uma ética do individualismo, por outro lado precisamos compreender que mesmo nessa perspectiva nosso existir pressupõe relações; necessitamos de bens, de alimentos, de acesso a sistemas de saúde, nós precisamos de organizações. Então, mesmo quando pensarmos apenas no ‘eu’, importa compreendermos que esse “eu” só existe em relação. O que estamos vivendo, o que estamos experimentando nesse contexto de pandemia expõe a face da interdependência sistêmica de modo muito explícito. A crise no sistema de saúde implica em crises sociais, políticas, econômicas, culturais e, também, ideológicas.

Enuncia-se permanentemente que “é preciso salvar a economia”. Porém, em perspectiva de interdependência sistêmica cabe perguntarmos: Para quem? A que custos? Quem fica com o ônus? A atenção e todos os esforços não deveriam ser para salvar vidas? Não se trata de desconsiderarmos o lugar da economia para nossos sistemas social, político e cultural, mas de estabelecermos

prioridades. É fundamental termos consciência sobre o que precede o quê, sobre o que deve prevalecer.

O que eu quero dizer? Tomo o discurso sobre sustentabilidade para elucidar essa questão. Conforme demonstramos a partir de pesquisas desenvolvidas no GCCOP (Grupo de Pesquisa em Comunicação Organizacional, Cultura e Relações de Poder) (BALDISSERA; KAUFMANN, 2013a, 2013b, 2015; KAUFMANN, 2016), a perspectiva do “desenvolvimento sustentável” tem predominado – até porque não exige mudanças profundas na matriz produtiva. A matriz do *triple bottom line*², por exemplo, tende a apresentar as bases econômica, social e ambiental como iguais, sem ordem de precedência, principalmente nas aplicações. Ora, a questão é que não há como termos o social se não tivermos o ambiental; e não teremos o econômico se não tivermos o social, o cultural e o ambiental. Portanto, esses sistemas pressupõem antecedências, prevalências. Novamente: Economia para quem? De que economia estamos falando? O fato é que o sistema econômico não pode se sobrepor a esses outros sistemas. E de modo algum essa situação poderia ser tomada como naturalizada.

2 Modelo desenvolvido por John Elkington que “[...] norteia a gestão da sustentabilidade a partir das dimensões econômica, social e ambiental, ou seja, define a sustentabilidade como o equilíbrio da prosperidade econômica, da qualidade ambiental e da justiça social” (BALDISSERA e KAUFMANN, 2013a, p. 62-63).

O ambiental, o social, o cultural são basilares para pensarmos o econômico, não o inverso.

Dito isso, importa ressaltar que compreendo bem que o atual contexto de pandemia se traduzirá em problemas econômicos gravíssimos daqui para a frente. Mas entre a vida e o econômico, precisamos atentar para a vida primeiro. E o econômico, na medida do possível, será restabelecido; pensando, de novo, numa perspectiva de interdependência sistêmica.

A meu ver, as duas grandes concepções de mundo que destaquei constituem duas importantes formações ideológicas a partir das quais os sentidos são movimentados no atual contexto – e, em particular, em relação à pandemia. Porém, a sobredeterminação incondicional do sistema econômico aos demais sistemas – discursiva e objetivamente – se traduziu na conformação do atual estado de coisas. Nessa direção, conforme destacamos, discursos e outras práticas (especialmente nos anos mais recentes) procuram desqualificar instituições, mesmo as que se apresentavam sólidas, tais como o Supremo Tribunal Federal, o Senado, a Câmara dos Deputados, as Universidades Públicas, a instituição Jornalismo e a própria instituição Ciência/conhecimento científico. Conforme afirmei, não podemos ingenuamente acreditar que isso seja algo instantâneo, da qualidade do imediato; trata-se de um processo/projeto de longo prazo.

Nessa perspectiva, podemos pensar no Jornalismo e na Ciência como instituições que foram e seguem sendo duramente atacadas. Primeiro ressaltamos que são sistemas que apresentam falhas, desvios, isso é lógico, como ocorrem em qualquer outro sistema sociocultural. No sistema científico, por exemplo, é muito provável que alguns produtos, por diferentes razões (insuficiência tecnológica, falta de rigor ou de consistência, interpretação apressada etc.), não consigam explicar adequadamente os fenômenos a que se referem. Porém, nem de longe isso nos permite afirmar que a ciência não é importante, que a produção científica não tem valor ou que a ciência não gera avanços, qualidade de vida, bem-estar e assim por diante.

Da mesma forma, se atentarmos para o Jornalismo – como instituição – precisamos reconhecer seu lugar medular para o processo democrático. Por exemplo, censurar o jornalismo – “calar sua boca” –, dentre outras coisas, significa manifesta intenção de silenciar as opiniões contrárias, de excluir posicionamentos dissonantes, não validados por quem está no poder. Portanto, à luz das teorias de Opinião Pública, são evidentes tentativas de blindar o acesso a informações, de desinformar, de produzir ignorância e crenças. A comunicação pública exigiria exatamente o contrário: publicidade, compromisso com o interesse público e com a verdade, deliberação, e assim por diante. Cabe ressaltar que à medida que se restringe a circulação de informações, ou que se fomenta

a desinformação, a circulação de informações baralhadas ou mentirosas, tenta-se anular os processos de formação da opinião pública. Dentre outras coisas, o que se quer produzir com essa atitude? Produzir ignorância, produzir cada vez mais crenças que beneficiem quem ocupa lugares de poder e, portanto, de decisão.

Essa chave talvez nos auxilie a compreender um pouco – pelo menos sob alguns aspectos – a força do retorno às crenças que parece acontecer hoje. Por um lado, há os negacionistas (e simpatizantes por eles influenciados e/ou cooptados) que desqualificam, negam todo conhecimento científico, exceto aquele que, de algum modo, possa beneficiá-los – tudo o que se contrapõe a suas concepções, não serve. E, por outro lado, há certa tendência a gerar uma espécie de comportamento de manada, de apenas reafirmação do mesmo; comportamento de multidão. Uma multidão enfurecida que age a partir de alguns “gritos de guerra”, de palavras de ordem; não há escuta, nem mesmo ouvem ou compreendem tais enunciações, e não se permitem parar.

Sem reduzir-se ao conceito de bolhas tecnológicas, a meu ver, isso permite compreender aspectos dos comportamentos desses grupos de indivíduos, pois que são permanentemente estimulados com informações parciais ou falsas, com desinformações e com *slogans*. Quer dizer, sob essa gramática enunciativa procura-se reduzir a capacidade de compreensão sistêmica; busca-se minimizar e, mesmo, eliminar as possibilidades de

entendimento. Trata-se de algo como a potencialização da estratégia do “pão e circo”: além de manter as pessoas alimentadas com desinformação e entorpecidas com espetáculos performáticos, essas pessoas também são estimuladas ao confronto, ao ataque a todos os que se opuserem a seus preceitos, suas crenças, pois que serão considerados inimigos a serem combatidos e, no limite, eliminados. Assim, por essa estratégia gera-se nesses segmentos da sociedade a sensação de estarem amplamente informados (saciados de informações), embriagados nas performances dos seus “heróis” que devem ser defendidos e imitados a qualquer preço, e alucinados para atacar outras concepções de mundo, assim como quem as materializar.

E é nesse contexto que vemos a fala dos cientistas (e das organizações científicas) tentando explicar um fenômeno que ainda não é compreensível, que carece de mais e aprofundados estudos. São muitas as variáveis e há resultados que precisam ser adaptados aos diferentes contextos econômicos e socio-culturais. Por exemplo, o que acontece em um país em que as pessoas vivem com, no máximo, mais uma ou duas pessoas por habitação, não se reproduz em boa parte do Brasil, em que temos grandes núcleos familiares. Quando atentamos para o processo de contágio, é muito provável que em um ambiente habitacional em que vivem apenas dois ou três indivíduos o contágio seja menor do que em um ambiente onde convivem muitos indivíduos.

Em contraposição ao discurso científico, há o discurso de um segmento da sociedade e de parte do próprio governo federal que, dentre outras coisas, gera fatos para distrair a atenção. Nesse campo são materializados discursos e outras práticas contraditórias, parciais, simplificadoras da situação e, até, de desinformação. Um exemplo é o Ministro da Saúde afirmar que para o enfrentamento da pandemia o distanciamento físico é fundamental, assim como o uso de máscaras, e, de modo divergente, as práticas de vários outros ministros do mesmo governo e, até, do Presidente enunciarem que “não é preciso o distanciamento”, uma vez que aparecem em/geram aglomerações, abraçam pessoas, e muitas vezes não usam máscaras. Vale lembrar que um comportamento, uma imagem tendem a impactar muito mais do que algo apenas verbalmente enunciado. Se eu vejo um presidente andando na rua, no meio de muitas pessoas, por que eu acreditaria na fala de um ministro que diz abstratamente que as pessoas devem ficar em casa?

Para finalizar, resalto, novamente, que esses dois fundamentos são centrais para pensarmos esse contexto e essa pandemia em termos de sentidos circulantes, em que as falas de pessoas não especializadas assumem a mesma importância das falas de quem produz conhecimento, pesquisa e que estão tentando fazer um trabalho sério.

Questão de debate

- Prof. Márcio Simeone Henriques (UFMG): *Não estaríamos, neste atual momento, diante de um “curto-circuito” discursivo na esfera pública e na produção de sentidos comuns, no sentido de que as principais questões tendem a se reduzir a uma hipercirculação meramente retórica, autorreferenciada e polarizada? Como podemos compreender a atual produção e circulação de discursos para além das “bolhas”, já que nem todas as nossas interações estão limitadas a essas bolhas?*

Rudimar Baldissera: Concordo com a ideia de que vivemos, sim, um processo discursivo de “curto-circuito”, no sentido de que, nessa esfera pública, todo mundo só diz. Existe um excesso de falas, de retórica, e quase não há escuta, isto é, sendo muito objetivo, parece que as pessoas só querem se expressar, dizer. Nós saímos de um momento de intenso silêncio, em que as pessoas não tinham acesso a essas possibilidades de fala, para um outro lugar, particularmente potencializado pelas tecnologias, em que todo mundo só quer se expressar. Se observarmos o que acontece nas mídias sociais, por exemplo, mesmo que de modo superficial, rapidamente verificamos que todo mundo diz, mas poucos leem o que foi dito; não há leitura, não há escuta. Em sentido ampliado, poderíamos dizer que se trata da potencialização de um problema

que existe desde sempre: os grupos falam para dentro, com os iguais. Os cientistas falam para os cientistas, os artistas falam para os artistas. Parece não existir um autêntico movimento em direção ao outro – e isso pode ter sido potencializado pelas tecnologias –; não há significativa movimentação em perspectiva de realmente tentar compreender o outro (seja um sujeito, um grupo, uma cultura etc.). Na maior parte das vezes, trata-se de enquadrar o outro a partir dos nossos pressupostos, e não de procurar entendê-lo a partir de seus lugares de fala.

Ao pensarmos a esfera pública como possibilidade de interação, na comunicação pública como deliberação, como processo que se constrói conjuntamente, na própria ideia de diálogo que poderia surgir desse encontro nos damos conta do quanto essa fertilidade de interação comunicacional sobre temas centrais, de interesse público, desliza para o âmbito de uma gramática discursiva polarizada, de exclusão, de não escuta, de desqualificação prévia dos interlocutores que se fundamentam em outras concepções de mundo. Essa conformação que impossibilita a aproximação, por um lado, também intrinca a viabilidade de constituição de sentidos comuns e, por outro lado, exige o agigantamento discursivo para que as aproximações que não ocorrem pareçam não relevantes. Nesse sentido, empregam-se as mídias sociais para pequenas falas, sem muita elaboração, mas que devem produzir efeitos de serem importantes respostas a algo, a algum suposto ataque. Assim, fica estabelecida a lógica da hipercirculação retórica

para reafirmar os mesmos sentidos e concepções. E é a isso que me refiro quando falo em geração de ignorância, de crenças e de bolhas; não necessariamente só à bolha no sistema da tecnologia, mas dos grupos. Os grupos se fechando em si.

Frente a isso, não sei responder tão rapidamente sobre o que fazer, como podemos compreender a atual produção de sentidos, em contexto de pandemia, de disputas polarizadas. Penso que precisamos, imediatamente, de mais solidariedade e de comprometimento interssistêmico. É realmente fundamental nos comprometermos com o outro, em perspectiva do que denominei de segunda formação ideológica. Como sociedade, preponderantemente, nos vinculamos à concepção de que devemos explorar o outro, explorar o meio ambiente até o esgotamento. Porém, o atual contexto nos faz ver que, de fato, precisamos urgentemente atentar para esse outro com mais humildade. O próximo, hoje, não tem mais o sentido que tinha há alguns dias. A sobrevivência do próximo é a minha sobrevivência. Os processos de interação, as próprias relações foram redimensionadas.



Referências

BALDISSERA, Rudimar; KAUFMANN, Cristine. Comunicação organizacional e sustentabilidade: sobre o modelo instituído no âmbito da organização comunicada. **Revista Organicom**, v. 10, n. 18, p. 59-70, 2013a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139169>. Acesso em: 18 maio 2021.

_____. Cartografia dos sentidos de sustentabilidade premiados no Guia Exame de Sustentabilidade 2012. In: NOVELLI, Ana Lucia; MOURA, Claudia P. de; CURVELLO, João J. **ABRAPCORP 2013: teorias e métodos de pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2013b. p. 138-158.

_____. Desafios da comunicação para a sustentabilidade em tempos de mudança climática: o lugar da cultura, o discurso organizacional e as ofertas de sentidos. **Razón y Palabra**. [S. l.], v. 19, n. 3_91, p. 241-260, 2015. Disponível em: <https://revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/91>. Acesso em: 24 maio 2021.

CECHIN, Andrei D. **A natureza como limite da economia: a contribuição de Nicholas Georgescu-Roegen**. São Paulo: Editora Senac São Paulo/Edusp, 2010.

KAUFMANN, Cristine. **Comunicação organizacional e sustentabilidade**: cartografia dos sentidos de sustentabilidade instituídos pelo discurso organizacional. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/134837>. Acesso: 24 maio 2021.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura**: ética, mídia e empresa. Porto Alegre: Sulina, 2004.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: neoliberalismo y nuevas técnicas de poder. Barcelona: Herder Editorial S.L, 2014.

_____. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.